

- REIS, Rossana R.; SALES, Teresa. *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.
- REZENDE, Claudia Barcelos. Building affinity through friendship. In: BELL, Sandra; COLEMAN, Simon (Eds.). *The Anthropology of friendship*. Oxford: Berg, 1999.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. Goiânia, Califórnia. Vulnerabilidade, ambigüidade e cidadania transnacional. *Série Anghropológica*, Brasília, UNB, v. 235, 1998.
- ROTH, Joshua Hotaka. *Brokered homeland: Japanese Brazilian migrants in Japan*. New York: Cornell University Press, 2002.
- SALES, Teresa. A legitimidade da condição clandestine. *Travessia*, n. 25, maio/agosto 1998.
- SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez Editora, 1999.
- SIMMEL, Georg. *The Sociology of Georg Simmel*. Wolff Kurt (Ed.). New York: The Free Press, 1964.
- SMART, Alan. Expression of interest: friendship Guanxi in chinese societies. In: BELL, Sandra; COLEMAN, Simon (Eds.). *The Anthropology of friendship: enduring themes and future possibilities*. Oxford: Berg, 1999.
- STACK, Carol B. *All our kin strategies for survival in a black community*. New York: Harper & Ro, 1974.
- STOLER, Laura Ann. *Race and the education of desire: Foucault's history of sexuality and the colonial order of things*. Durham and London: Duke University Press, 2000.
- STOLER, Laura Ann. *Carnal knowledge and imperial power: race and the intimate in colonial rule*. Berkeley and Los Angeles: Berkeley University Press, 2002.
- TORRESAN, Angela. Quem parte, quem fica: uma etnografia sobre imigrantes brasileiros em Londres. 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
- TORRESAN, Angela. Loud and proud: immigration and identity in a Brazilian/Portuguese postcolonial encounter in Lisbon, Portugal. 2004. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de Manchester, Reino Unido.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- WYLIE, Laurence. *Village in the Vaucluse*. Cambridge: Harvard University Press, 1974.

ESTEREÓTIPOS E ENCARCERAMENTO SIMBÓLICO NO COTIDIANO DE IMIGRANTES BRASILEIROS NO PORTO¹

Igor José de Renó Machado

INTRODUÇÃO

Neste texto procuro refletir sobre o papel dos estereótipos na vida de imigrantes brasileiros na cidade do Porto. Defendo a hipótese de que os estereótipos sobre brasileiros em Portugal atuam como limitadores da ação e que, constantemente submetidos às representações comuns em Portugal, os imigrantes brasileiros acabam por desempenhar papéis preestabelecidos. Por outro lado, os estereótipos que os brasileiros carregam consigo sobre os portugueses também têm importância central na forma como enfrentam a imigração. Procuro explicar esse processo e algumas de suas conseqüências – em especial, a “sensação de invasão” de brasileiros em Portugal –, recorrendo principalmente às visões de brasileiros no Porto e a artigos da imprensa portuguesa e brasileira. A fonte principal deste trabalho, entretanto, são entrevistas com imigrantes de classe média baixa,² durante trabalho de campo preliminar em fevereiro de 1998 e, posteriormente, entre março e setembro de 2000.

1 Este capítulo é uma versão modificada do texto “Cárcere público: os estereótipos como prisão para os brasileiros no Porto, Portugal”, publicado na revista *Temáticas*, IFCH Unicamp, Unicamp, Campinas, v. 10, n. 19/20, pp. 120-152, 2002.

2 Nesse sentido, trabalho com a “segunda vaga” da imigração brasileira, conforme estudo de Casa do Brasil de Lisboa (2004), Peixoto & Figueiredo, neste volume, e Padilla, também neste volume.

Entre brasileiros e portugueses em Portugal (que, por sua vez, são chamados por muitos brasileiros de *galegos*) ocorre a projeção de velhas idéias e estereótipos sobre o outro, além dos auto-estereótipos que os brasileiros formulam sobre si mesmos. Esse jogo de imagens cruzadas é parte do cotidiano. Obviamente, quando representações sobre os brasileiros *de torna-viagens* “rudes” ou então sobre o português “burro” no Brasil são retomadas, o são a partir de novos contextos criados pela atual presença de brasileiros em Portugal.

As representações sobre portugueses têm longa tradição no Brasil, e os trabalhos de Ribeiro (1997; 2000) tratam em detalhe desses processos. O interessante é perceber inversões significativas: da época da Independência até depois da proclamação da República, o português era o espertalhão que tirava dos brasileiros o trabalho, mas no século XX forjou-se a imagem do português burro, motivo de piadas até hoje.³ Do mesmo modo, as imagens do *brasileiro de torna-viagens* rude são reelaboradas a partir da experiência atual de imigração. Persiste a idéia da malandragem ligada ao *brasileiro de torna-viagens*, agora direcionada à percepção do Brasil como um celeiro de criminosos. O brasileiro é visto como um potencial ladrão, embusteiro. Tal imagem foi ressaltada pelo retrato que a mídia portuguesa apresenta do Brasil (PADILLA, neste volume e 2004), sempre marcado por tragédias e grandes escândalos, que são mais facilmente consumidos como notícia. É preciso reforçar que, em geral, essas imagens criaram-se (no passado e no presente) ao redor de conflitos no mercado de trabalho.

Mesmo que esse núcleo de representações seja móvel, instável e constantemente reformulado, aos brasileiros são impostos papéis que devem ser representados/desempenhados. Essas representações ou esses estereótipos,⁴ analisados por Feldman-Bianco (2001), são como correntes que prendem os imigrantes a determinados papéis. Ao mesmo tempo, brasileiros tentam, sem sucesso, impor aos portugueses as representações que carregam do Brasil. Afinal, são os brasileiros os estrangeiros.

Nesse cenário português, articulam-se percepções sobre uma suposta “essência” do brasileiro. O *jeitinho* passa a ser algo real, capital cultural “encontrável”. Dentro do mercado de trabalho na cidade do Porto, a presença de brasileiros destaca-se no que é considerado “hotelaria”, que são os serviços de restaurantes, casas noturnas, bares e lojas de atendimento em geral (PEIXOTO & FIGUEIREDO, neste volume). Os brasileiros ganham espaço no atendimento, como garçons, atendentes, vendedores etc. Isso se deve a uma confluência de motivos práticos e simbólicos: 1) há a alegação constante de falta de mão-de-obra, principalmente na área do turismo, que envolve o atendimento direto ao público;⁵ 2) nessas profissões de atendimento, o domínio da língua portuguesa é fundamental, o que, por enquanto, praticamente descarta imigrantes do leste europeu; 3) o senso comum que informa aos portugueses que os brasileiros são alegres e simpáticos e, portanto, naturalmente preparados para trabalhar com o público, aliado ao preconceito em relação aos membros do PALOP,⁶ que, apesar de falarem português, não são colocados nesses empregos. Para os africanos, o mercado de trabalho tende a se restringir a ocupações que envolvem força física e pouca visibilidade ao público.

Os brasileiros são aproveitados em decorrência da necessidade do mercado de trabalho e da predisposição simbólica que os encaixa em determinada categoria. Mas além desses motivos há um quarto fator muito relevante: o próprio “avanço” cultural representado pelo surgimento de várias churrascarias no estilo brasileiro. Esse negócio cultural é semelhante a várias dinâmicas do mundo contemporâneo, caracterizadas pela apresentação de técnicas e estilos culinários exóticos às populações nativas. Restaurantes chineses por todos os lados, restaurantes árabes, gregos, mexicanos e agora também brasileiros. Por trás de cada expansão desses negócios culturais existem redes de imigração. Para o funcionamento de restaurantes brasileiros como churrascarias é preciso mão-de-obra especializada (churrasqueiros, cortadores de carne na mesa etc.). Isso traz conseqüências, por um lado, na imigração especializada e, por outro, na especialização da força de trabalho existente nos locais onde se instalam os restaurantes, ou seja, muitos brasileiros tornam-se especialistas em churrasco no próprio lugar de imigração, no caso deste capítulo, no Porto.

3 Luiz Felipe Alencastro (1988) indica que essa imagem está ligada aos grandes fluxos de imigração do século XX, que traziam um número enorme de imigrantes muito pobres. Para uma análise mais detalhada dessa questão, consultar Machado (2003).

4 Adiante, especifica-se exatamente como são considerados os estereótipos.

5 Reflexões sobre a relação entre mercado de trabalho, salário e políticas do Estado português são desenvolvidas em Machado (2001).

6 Países africanos de língua oficial portuguesa.

Pode-se notar como “idéias culturalizadas” legitimam e efetivam de fenômenos como, por exemplo, a prostituição. Handler (1988) chama esse processo de “mercantilização cultural”, enquanto Herzfeld (1997) prefere defini-lo como um tipo de “orientalismo prático”. Já Fox (1992, pp. 145-152) recorre ao “orientalismo afirmativo”, referindo-se à possibilidade de este servir de base a contestações políticas dos próprios “orientais”. Autores que examinam a globalização de uma cultura negra, como Hall (1992), também atentam para a mercantilização cultural. Por outro lado, Sahlins (1997) tende a ver na reconstrução de cenários culturais na diáspora o valor da teoria cultural, pelo revivalismo ou pela continuidade da cultura nativa. Uma perspectiva saidiana (SAID, 1990) acabaria vendo, na prática desses brasileiros, uma apropriação de *tropos* impostos a partir de um contexto de força, de uma idéia de identidade que não existe, mas que foi inventada na relação de poder de uma periferia enfraquecida com o “centro”. Hall (1996), em outra perspectiva, poderia ver a “força” das culturas híbridas se reinventando na diáspora. Essas posturas diferenciadas, desde um ponto de vista da vitimização até o de uma vitalidade cultural resistente, demonstram que várias visões podem ser articuladas.

Por exemplo, em relação à prostituição, pode-se dizer que é porque a mulher brasileira é vista e *determinada* como alegre e sensual que são levadas, muitas delas, como trabalhadoras do sexo, muito úteis para a propaganda de boates portuguesas (consultar PADILLA & PONTES, neste volume). Obviamente, esse fator é influenciado pela diferença entre os mercados de trabalho, favorecendo o português, onde as trabalhadoras do sexo têm condições de ganhar melhor (PEIXOTO & FIGUEIREDO, neste volume). Mas o fato é que essa representação simbólica da mulher brasileira cria no mercado português do sexo uma demanda por trabalhadoras do sexo da ex-colônia. Não é por menos que, na percepção da situação do imigrante brasileiro, a narrativa é marcada pelos problemas relacionados à prostituição, localizados dentro de um jogo de imagens que alimenta e se alimenta de representações contrárias. Essas imagens contrapõem idéias antigas, idéias novas trazidas por novelas e por problemas da vida cotidiana, em geral relacionados com o mercado de trabalho. Este universo simbólico repleto de representações reciprocas, um autêntico jogo de espelhos, ganha nova conotação na experiência de imigração brasileira em Portugal.

Para brasileiros, esse universo simbólico se reconfigura pela retomada de um par antagonico que já foi usado para diferenciar brasileiros de portugueses, só que no Brasil: o contraste entre a alegria brasileira e a tristeza portuguesa, o fado *versus* o samba, o trabalho *versus* o carnaval etc. Em várias falas vê-se a expressão desse antagonismo:

“Chega a ser até mórbido o negócio [do português], de pegar o jornal e ler obituários para saber quem morreu. E existe uma coisa institucionalizada, o sujeito quer viver a desgraça alheia para se sentir melhor.”

“Aí o quê que acontece? Entrou brasileira, só para ganhar dinheiro para pagar o quartinho dela e para comer. Então, começa aquela ginga brasileira, e dá risada, leva o cara pelo braço...”

“As pessoas são fechadas aqui, são tristes, tristes, não sorriem.”⁷

A “alegria” brasileira virou uma necessidade no mercado português, transformando-se, por um lado, em uma vantagem natural e, por outro, em uma “prisão simbólica”. Entretanto, não se pode deixar de considerar que grande parte desses trabalhadores não são regularizados, custam menos e são mais facilmente explorados pelo empregador.

Na reflexão sobre qualquer experiência cotidiana, uma enorme carga de representações simbólicas e estereótipos é articulada. Se muitos brasileiros ocupam determinada posição no mercado de trabalho é porque eles são vistos como naturalmente melhores e mais simpáticos que os portugueses. Este entendimento *cria* realidades, pois alguns empregadores portugueses, tomando tais pressupostos simbólicos, requisitam os serviços de brasileiros, enquanto estes passam a exercer “profissionalmente” a simpatia. É nesse sentido que os estereótipos são “prisões simbólicas” que cerceiam a experiência dos brasileiros. Por outro lado, a submissão dos trabalhadores a regimes de trabalho ilegais ajuda a efetivar esses discursos (OLIVEIRA, neste volume). Não se pode esquecer de que muitas vezes essas idéias são simplesmente desculpas, legitimando a presença de brasileiros e escondendo a

7 Trechos retirados de entrevistas realizadas em 2000. Por motivos óbvios, prefiro não identificar os autores das falas nem mesmo com nomes falsos ou com a determinação do sexo.

exploração explícita a que estão sujeitos no mercado de trabalho. A experiência de trabalho de brasileiros na sociedade portuguesa, mais especificamente no Porto, tinha uma mistura de expectativas simbólicas, universos de significado, ideologia e superexploração do trabalho.

Por outro lado, os brasileiros sentem claramente como a própria imagem ligada aos estereótipos, na percepção que os portugueses têm deles:

“O cara já (tem) uma postura assim: ‘você está gozando [ganhando dinheiro] daqui e só tem isso?! Como é que você conseguiu isso?’. E aí fala que você fez trambique, o que não é verdade. Pode até ser, em alguns casos. Porque nós não somos imunes a isso, a dar trambique, é claro. Qualquer raça. Mas, como sempre, o brasileiro, em todo o mundo, sempre teve má fama, em qualquer lugar os brasileiros criaram isso. Em qualquer lugar, em Paris ou Nova Iorque é a mesma coisa. Então, quando você tem um sucesso mesmo, trabalhando como nós dois trabalhamos, sem trambique, os caras falam: ‘Não, deve ter feito alguma coisa...’”

O estereótipo sobre a malandragem é operante no cotidiano desses trabalhadores brasileiros. A relação entre o Brasil e a malandragem é evidente em vários trechos de entrevistas, como o anterior, ou ainda estes:

“Não, mas [os portugueses] sempre acham que faturamos horrores e estamos explorando eles... Esse é o princípio.”

“Ainda partem do princípio errado, justamente pela má fama que a gente tem. Prejudica bastante os próprios brasileiros...”

“Agora, se você é brasileiro – e principalmente brasileiro – e começa a subir na vida, ou começa a conseguir bens materiais que mostrem uma certa posse..., vão dizer que você é safado.”

A força dos estereótipos é muito intensa, entre brasileiros e portugueses, já que a quantidade de situações efetivas de “malandragens” não é (aparentemente) maior que entre outros imigrantes. A má fama relaciona-se com algo fora da ação

cotidiana e da experiência: a potencialidade de uma história de representação da malandragem. É muito provável, inclusive, que essa percepção reforce ao máximo as experiências negativas que efetivamente foram praticadas por brasileiros. É como no exemplo de Alex, personagem de Fernanda Torres no filme *Terra estrangeira* (1995), quando ela derruba os pratos por acidente em um restaurante lisboeta, onde trabalhava como garçomete. Imediatamente, o dono português do bar reclama: “Mas esses brasileiros, ô pá, não servem para o trabalho mesmo”. Tudo se passa como se existisse um roteiro que informasse previamente a idéia do que devem ser os brasileiros, permitindo poucas improvisações. Assim, discursos preconceituosos nascem no contraste da prática com essas representações, processo este, aliás, que se estende à imagem que os brasileiros formulam de portugueses, informados por representações trazidas do Brasil e reformuladas em Portugal.

Para entender a atual efetividade desse encarceramento simbólico (articulado na construção ou ressignificação de estereótipos) a partir de uma matriz brasileira, basta considerar como exemplo o artigo de Gustavo Ioschpe, jornalista da *Folha de S. Paulo*, em que afirma:

O único contato que tive na vida com os portugueses foi por meio dos livros de história e, principalmente, de uma série infinita de piadas e ditos que exemplificam a suposta estupidez lusa em toda e qualquer área do (des)conhecimento humano. Chegando ao aeroporto [de Lisboa], a impressão começou a se confirmar...⁸

O restante do artigo narra as experiências que comprovam os estereótipos. Esse tom preconceituoso é definitivamente influenciado pelas representações que, na prática, determinam o que vai ver o jornalista. Ele vai a Portugal para buscar a estupidez portuguesa e a encontra, pois estupidez há em qualquer lugar. Essa “verificação” é ressaltada como prova incontestável da veracidade dos estereótipos da burrice portuguesa.

Embora os estereótipos sejam cárceres para suas vítimas, são bastante maleáveis para quem os impõe. Até aqui estereótipo vem sendo considerado como sinônimo de representações simbólicas, mas não é mais possível manter tal associação. Os estereótipos são um tipo particular de representação simbólica, muito mais

8 *Folha de S. Paulo*, 8/11/1999, pp. 7-6.

palpável e eficaz por serem mensagem de hierarquização social. O estereótipo é uma forma de descrever o outro, por meio de uma série de características generalizantes (em geral, depreciativas) que se lhe aplica. A eficácia do estereótipo – como forma de conhecimento que não conhece, mas que se justifica como um conhecimento empírico, como o orientalismo de Said (1990) – resulta na (e da) hierarquização do campo das alteridades, restando ao “estereotipado” um lugar inferior em relação ao “estereotipador” (quando o estereótipo é um consenso na sociedade que abriga os diferentes grupos). Ao tomar o estereótipo (um falso conhecimento) primeiro como cultura e, em um segundo momento, como cultura imóvel e invariável, a antropologia correu o risco de perdê-lo como seu objeto, o que levou Sahlins (1997) a denunciar esse equívoco.

Em Portugal, até a polêmica dos dentistas brasileiros pode ser considerada a partir da dinâmica da representação da malandragem. O problema “dentistas brasileiros” (vistos como “trambiqueiros”) tem repercussão na experiência cotidiana de todos os brasileiros em Portugal e, como tal, não deixa de ser objeto de reflexões, análises e críticas. Durante muito tempo foi com a imagem dessa situação muito localizada que a migração brasileira foi generalizada. Os demais brasileiros em Portugal perceberam que o problema dos dentistas influenciou a vida cotidiana de qualquer *brasileiro*, sem deixar de reconhecer que a Associação Brasileira de Odontologia em Portugal (ABOP) era uma entidade classista, que buscava primeiramente defender os interesses de seus associados, e não dos brasileiros em geral. Mas a associação entre dentistas brasileiros e “trambique” estendeu-se a toda a população brasileira em Portugal, pelo menos enquanto durou a querela dos dentistas (entre 1991 e 2000), por causa de reportagens de jornais que davam destaque ao caso de falsos dentistas brasileiros, da pressão da entidade de defesa dos médicos-dentistas portugueses (que até fez declarações explícitas à mídia de que os dentistas brasileiros eram um perigo à saúde pública, por transmitirem Aids aos pacientes). Criou-se, na década de 1990, um clima antibrasileiro que ressaltava a malandragem e a má-fé dos novos imigrantes. Trabalhadoras do sexo e dentistas foram, e continuam sendo, submetidos a uma carga simbólica bem evidente, que relaciona Brasil a sexo e à malandragem.

Como o caso dos dentistas e das trabalhadoras do sexo, a IURD (Igreja Universal do Reino de Deus) contribuiu para a imagem reconstruída pelos portugueses dos brasileiros. Sendo vista como uma nova “coisa” que vem do Brasil, a IURD foi

associada a estereótipos sobre brasileiros, reforçando simultaneamente algumas crenças e criando novas visões (consultar MANSUR, neste volume). A imagem dessa igreja também é associada à malandragem, à corrupção e ao ganho fácil. Ao mesmo tempo, novas idéias são formuladas, pois o Brasil também passa a ser visto como produtor de religiões, como mais um passo para a invasão cultural brasileira. Se o par sexo/malandragem é uma das maneiras pelas quais o brasileiro é visto, pode-se pensar também no par novelas/IURD, com aquelas promovendo formas diferentes de tratar a sexualidade e a IURD significando, para muitos, “trambique”. De qualquer forma, ambas são enquadradas nos estereótipos correntes em Portugal sobre o Brasil.

Nestes fenômenos – prostituição, dentistas, IURD e novelas – podem-se estabelecer parâmetros com o par sexo/malandragem. A imagem sensualista a qual o Brasil é submetido é estendida às novelas e às trabalhadoras do sexo, enquanto a malandragem, o jeitinho são estendidos aos dentistas e à IURD. As trabalhadoras do sexo são, entretanto, vistas pelos dois ângulos, contendo os dois pólos representativos na forma mais pejorativa e, talvez por isso, são sempre consideradas o principal problema da imagem do Brasil em Portugal. Outra “categoria” que engloba os dois pólos (sexo e malandragem), porém de forma menos pejorativa, são os jogadores de futebol. Eles são vistos como talentosos e também sensuais, são temidos e admirados, e em torno deles constrói-se uma gama de imagens, sempre mediadas pelos estereótipos sobre o Brasil mestiço.⁹ Em termos numericamente significativos, estes reproduzem, em sua maioria, os estereótipos que lhes são impostos e englobam, como as trabalhadoras do sexo, o sexo e a malandragem. Jogadores de futebol e trabalhadoras do sexo podem ser vistos como o par estrutural a partir do qual são representados os brasileiros. Não é por acaso que a afirmação corrente de que no Brasil só há trabalhadoras do sexo e jogadores de futebol é tão frequentemente ouvida em Portugal.

Mas se essas representações são impostas, não se pode deixar de dizer que muitas das referências dessas imagens são aquelas com as quais se representa oficialmente o Brasil.¹⁰ O discurso nacional brasileiro inclui muitos dos estereótipos que são

9 Essa imagem foi especialmente reforçada pela adoção do lusotropicalismo como ideologia de Estado (CASTELO, 1998) do regime salazarista, a partir de 1951.

10 A questão de onde essas representações são produzidas é outra tarefa. Para os interesses deste capítulo, basta dizer que muitos dos estereótipos fazem parte das narrativas de nação do Estado brasileiro, vendidas, por exemplo, por meio de agências especializadas em promover o

reforçados em Portugal. A idéia predominante de um país mestiço é fundamental, e a “ideologia da miscigenação”¹¹ serve, atualmente, como base para a construção de estereótipos negativos e também como base de políticas culturais das quais brasileiros (e portugueses) em Portugal se apropriam de formas diferenciadas. No entanto, é importante afirmar que essa “visão” permanece como *essência* da brasilidade, seja negativa, seja positivamente. A identificação possível entre os brasileiros no Porto é essencializada, propalada pela mídia, como uma identidade vazia¹² que ao mesmo tempo é mercantilizada na prática, nas formas de sustento econômico às quais os imigrantes se adaptam, submetidos às prisões do estereótipo. Se é preciso ser alegre, se o gaúcho tem de sambar e o baiano fazer churrasco, se qualquer refeição brasileira tem de ter feijoada, então passam a existir brasileiros conforme essas prescrições culturais estereotipadas. Ao mesmo tempo, a experiência cultural de cada um não evapora. As diferenças são sempre lembradas, e as pessoas acabam sempre se identificando, em última instância, com as identidades regionais. As palavras de um dos entrevistados resumem bem esse processo:

“O que eu tenho a ver com um maranhense? Eu nunca fui ao Maranhão, eu não conheço nada do Nordeste. Eu nasci no Rio, no interior, conheço bem o Sudeste e o Sul, onde joguei mais, o resto não me diz nada. Não como carne seca, não danço forró”.

turismo brasileiro no exterior. Mas é evidente que há uma negociação com as representações sobre o Brasil correntes em Portugal. Toda a reconstrução do pensamento imperial articulada na atual lusofonia portuguesa é carregada de representações sobre o Brasil. Sobre lusofonia, consultar Santos (1996) e Margarido (2000); sobre lusotropicalismo, consultar Castelo (1998), Bender (1980), Moutinho (2000) e Boxer (1967).

11 Conferir, entre outros, Porto Alegre (1998), Schwarcz (1995), Mello e Souza (1998). Sobre a mestiçagem como branqueamento, consultar DaMatta (1987), Gillian (1997), Hasenbalg (1991), entre outros.

12 Para uma discussão sobre essa “identidade vazia” como identidade-para-o-mercado, consultar Machado (2004).

ESTEREÓTIPO E COTIDIANO

Após a delineação da operacionalidade de alguns estereótipos, torna-se necessário verificar como os brasileiros representam estes “enredos culturais” e como confrontam seus preconceitos em relação aos portugueses em sua vida cotidiana em Portugal. Com esse intuito, serão examinadas algumas questões que resultam do choque entre história de representação cultural, processos de essencialização e desenvolvimento de identidades na diáspora.

Em sua vida cotidiana no Porto, os brasileiros descobrem que as idéias e os preconceitos sobre os portugueses que carregavam desde o Brasil não condizem com a realidade. Na verdade, os estereótipos formulados por brasileiros sobre os portugueses são reelaborados, pois os imigrantes tendem a constatar, com certa surpresa, que os portugueses não têm nada de ignorantes. O resultado desse processo é que visões opostas são elaboradas: de terra de burros, onde o brasileiro esperto seria rei, Portugal passa à terra da falcatura, onde ele é enganado. Assisti-se a uma mudança significativa na representação dos portugueses, como pode ser percebido nas citações a seguir:

“Resolvi vir para cá, vi uma oportunidade aqui de chegar... Tipo, em terra de cego quem tem um olho é rei, mas nunca pensei que houvesse tanta armação, tanta hipocrisia e tanta falcatura.”

“É capaz de você imaginar, vamos supor, que você está sentado e um português vai querer lhe assaltar, então é assim: ‘Olha, desculpa, posso lhe assaltar, dá para você me dar o seu dinheiro que eu estou precisando de dinheiro? Posso lhe assaltar?’. Mas não! São espertos para caramba, porque fazem tudo pela caladinha... Você é mineiro e tem acreditado que come pelas beiradinhas, come quieto, não faz nada, e os caras..., quando vai ver já está todo mundo lhe enganando.”

“Você não pode cobrar ninguém, ninguém gosta de ser cobrado aqui. Por exemplo, comprem a crédito e não querem ser cobrados, eles querem pagar quando acham que querem pagar. Então a gente sente uma diferença muito

grande porque há uma idéia muito diferente em termos de honestidade, de integridade...”

“É uma desigualdade enorme, não há uma honestidade, vamos dizer assim. No Brasil também não há, mas eu acho que aqui ainda é bem pior.”

Nessa série de diálogos, as imagens sobre o português são sempre contrastadas com uma imagem anterior, trazida do Brasil. A nova experiência demonstra que esses estereótipos são falsos, pois não há a “terra de cegos”, mas esses estereótipos não deixam de ser operantes para muitos brasileiros, mesmo que a burrice se transforme em “inatividade”, “esperteza” e “exploração”. A imagem resultante continua negativa, acentuando a desonestidade e o trambique, imagens que, curiosamente, são atribuídas aos brasileiros por portugueses. Os brasileiros não se livram de seus estereótipos, mas passam a requalificá-los a partir da discriminação a que estão sujeitos, a partir dos desencontros no mercado de trabalho. A idéia da burrice é, eventualmente, retomada como forma de vingança cultural.

Os estereótipos são uma forma de não-conhecimento utilizada também como defesa. A transformação das características que qualificam os portugueses para os brasileiros *imigrantes* atua sempre no sentido de aumentar a negatividade do estereótipo anterior. Se o *galego* “burro” era ingênuo, o novo espertalhão explorador é, por um lado, mais odiável e, por outro, serve como justificativa para a falta de sucesso financeiro que tantos imigrantes imaginavam colher rapidamente. Tanto são uma forma de não-conhecimento e instrumentos de subordinação ou defesa que os estereótipos sobre os portugueses passaram por várias inversões. Como afirmado no princípio deste capítulo, ao final do século XIX o português imigrante no Brasil era visto como espertalhão, e não como burro, era dono do “espaço da alegria” (bares, botequins etc.) e era associada às mulheres portuguesas a pecha de trabalhadoras do sexo (conforme RIBEIRO, 2000; MACHADO, 2003; ALENCASTRO, 1988; ROWLAND, 2000). Só no começo do século XX é que a imagem mudou. Novamente, desde o final da década de 1980, as imagens se transformaram, e o português descrito por um brasileiro imigrante em Portugal atualmente retoma antigas conotações.

Esses processos são sempre mediados pelo fundamental contraste da língua e dos sotaques. O artigo de Ioschpe citado anteriormente não foge à regra: “até

as palavras mais informais – ‘pá’, ‘gajo’ etc. – são cômicas”.¹³ Imediatamente ligada aos estereótipos dos brasileiros está a percepção das diferenças linguísticas. A língua brasileira é vista como outra língua e é significativa em cada momento da vida cotidiana, pois permite identificar os brasileiros e impede a diluição entre os portugueses. Qualquer imigrante brasileiro é identificado pelo sotaque, basta começar a falar. Assim, é natural que as diferenças na fala marquem muito a memória. A seguir, um exemplo dessas falas:

“Chego lá e o cara chega para mim, vira, começa aquela conversa mole de dizer que o brasileiro tem um linguajar diferente, fala muita gíria, que não ia ter uma clientela, assim, com um atendimento, que o brasileiro não sabia nem falar nem escrever”.

Outras passagens indicam como vários nichos do mercado de trabalho são menos receptivos às pessoas que falam o “brasileiro”, ou seja, o português falado no Brasil. Quando o brasileiro fala, fica evidente que não é português, e imediatamente a carga simbólica relacionada ao brasileiro é ativada. Fora do mercado da “hotelaria”, essa associação é geralmente depreciativa, acentuando a preguiça e a falta de seriedade. Mesmo que o sotaque brasileiro tenha um apelo comercial, como nas novelas, é unânime a constatação de que na vida real a coisa é diferente. O sotaque das pessoas na vida comum, fora da TV, é visto como mais um sinal da “invasão brasileira” (consultar MANSUR, neste volume).

Contudo, há uma grande incidência de casamento entre brasileiros e portuguesas, bem como entre brasileiras e portugueses. Esses casamentos revelam algo sobre a adaptabilidade desses brasileiros e do lugar que podem ocupar dentro da sociedade portuguesa. O fato de aparentemente casarem com mais facilidade com “nativos portugueses” do que os imigrantes africanos revela um lugar simbólico privilegiado. Não é de mau tom casar com brasileiros homens, ao passo que casar com brasileiras parece ser mais complicado, justamente por causa dessa carga simbólica erotizada que envolve mulheres com sotaque brasileiro (consultar PONTES & TECHIO, neste volume). Dentro da hierarquia da alteridade portuguesa,¹⁴ os

13 *Folha de S.Paulo*, 8/11/1999, pp. 7-6.

14 Em outro trabalho (MACHADO, 2003), essa “hierarquia da alteridade” é relacionada às hierarquias raciais do Império português, construídas desde o final do século XIX.

brasileiros estão mais bem situados que os africanos, e os brasileiros homens, melhor que as mulheres. Isso também é verdade para uma hierarquia no mercado de trabalho, como demonstram Peixoto & Figueiredo (neste volume) e Padilla (também neste volume).

O que neste texto é chamado de “hierarquias das alteridades” é uma forma de escalonar em termos valorativos as diferentes populações que se encontram dentro de Portugal. Defende-se, aqui, a idéia de que a atual hierarquia que qualifica as populações imigrantes em Portugal e onde os brasileiros têm um lugar privilegiado é fruto das hierarquias coloniais portuguesas, tão bem expostas nas grandes feiras coloniais do começo do século XIX, analisadas por Thomaz (1997). Defende-se, ainda, a idéia de que a lusofonia é a forma atual renovada daquele mesmo pensamento colonial que propaga vigorosamente a idéia da língua como pátria, apenas para recriar as mesmas distinções valorativas entre as populações das ex-colônias, ou seja, a lusofonia é um discurso de recriação de uma centralidade imperial sem o Império, uma forma de ressubalternizar as populações que já foram subalternas, inclusive a brasileira.

A seguir, algumas falas:

“Estou casado com uma portuguesa”.

“O cara que vem com família ou constitui família, o que acontece? Os filhos começam a se adaptar muito aqui, começam a criar seu quadro de opções...”

“As pessoas, às vezes, não optam por ir [de volta ao Brasil] de vez porque não estão satisfeitas, mas muitas vão ficando. Vão ficando por razões diversas, por exemplo o meu caso, eu tenho dois filhos que estão envolvidos com mulheres portuguesas. Então torna-se um pouco difícil...”

Essas e outras várias passagens parecem comprovar como brasileiros ocupam de antemão um lugar na hierarquia das alteridades em Portugal. Esse lugar é mais privilegiado que o dos demais, possibilitando melhor integração com os portugueses que os demais imigrantes. No entanto, é preciso lembrar que esse lugar privilegiado é sempre subalterno, como atores que legitimam as construções ideológicas de certa parte da elite portuguesa.

INVASÃO?

Em 1987, Paula Guedes, uma atriz portuguesa, em artigo publicado no *Jornal do Brasil*, referiu-se à decadência do prestígio do brasileiro em Portugal, evidenciada pela suspeita de uma invasão de imigrantes do gigante adormecido. Tanto suas falas como as de outros jornalistas são reveladoras de uma crescente insatisfação dos portugueses em relação aos brasileiros, e tudo indica que a sensação de invasão ocupa várias dimensões da vida em Portugal desde o final da década de 1980. São vistas como sinais dessa invasão a presença esmagadora da mídia e das telenovelas brasileiras – já chamada de “imperialismo cultural” por um jornalista português –, a luta no mercado de trabalho de classes profissionais como a dos dentistas brasileiros, as redes ilegais de prostituição de brasileiras e até a ascensão da IURD.

Paula Guedes escreve:

Estou morando há um ano no Brasil e não sei o que aconteceu de um ano para cá, mas por várias vezes fui abordada por portugueses, inclusive intelectuais, que cortavam qualquer conversa sobre brasileiros. ‘Eu não suporto mais ouvir, falar e ver brasileiros’, diziam. É um preconceito, mas é sintomático que o sucesso que os brasileiros desfrutavam em Portugal tenha decaído tanto e pode chegar a ser um início de um pesadelo para quem deseja ver o país como um paraíso a beira-mar plantado. A verdade é que a imagem do brasileiro está sofrendo um corrosivo desgaste. No século passado, era comum nas peças de teatro e nos romances naturalistas a presença de um personagem caracterizado como o brasileiro, isto é, o português aldeão que vinha para o Brasil, fazia fortuna e retornava para esbanjar e arrotar entre lautos almoços. Era uma imagem caricaturizada, que exibia mais o rancor de uma elite e dos que tinham ficado no país. Foi Eça de Queirós quem chamou a atenção para o excesso de caricatura com que se pintavam esses personagens. O brasileiro de agora é brasileiro mesmo e pode sofrer a mesma demolição que, outrora, os escritores fizeram de seus patrícios.¹⁵

15 Paula Guedes, *Jornal do Brasil*, 22/11/1987. O acervo a que recorri, o do Centro de Estudos de Migrações Internacionais (CEMI), não especifica a página em que aparecem as reportagens. Portanto, cito apenas a data do jornal ou da revista.

A tensão aludida nessa passagem só aumentou nos anos seguintes, atingindo seu ápice no polêmico caso dos dentistas brasileiros em meados da década de 1990. Atualmente, para os brasileiros, há sinais de uma ressaca dessas imagens conflituosas, sem que os problemas tenham sido resolvidos. Nas palavras de um imigrante brasileiro: “Mas mudou a mentalidade. [Antes] o brasileiro era Deus. O brasileiro era Deus, está entendendo? Era fantástico, ele era tratado aqui como rei. Entendeu?”.

Essa mudança deve-se aos processos que destronaram o brasileiro dessa posição privilegiada e colocaram-no em outra, delicada e, em alguns casos, discriminada. Pode-se pensar que retrata a mudança de uma primeira vaga, marcada pela imigração mais bem-sucedida, para uma segunda vaga, caracterizada por uma colocação no mercado de trabalho aquém de suas qualificações (PEIXOTO & FIGUEIREDO, neste volume). Norma Curi, em outra reportagem do *Jornal do Brasil*, de 31/7/1988, indicava já pelo título a situação de brasileiros em Portugal: “Portugal, inferno dos brasileiros”. A reportagem indica os principais temas que foram discutidos ao longo deste trabalho: novelas, dentistas e preconceito.

A importância da impressão de invasão generalizada é fundamental na experiência atual desses brasileiros no Porto. O sucesso da telenovela, literalmente onipresente na televisão portuguesa, apenas complica a situação dos brasileiros. Como afirma Daniel Piza, em reportagem para a *Folha de S. Paulo*,¹⁶

Se, na realidade, portugueses e brasileiros estão meio às turras, na principal máquina dos sonhos – a televisão – tudo continua tão cor-de-rosa quanto um comercial de refrigerantes.

Ou seja, o papel da novela e a situação dos imigrantes têm de ser diferenciados. É possível que os atores brasileiros sejam estrelas em Portugal e, ao mesmo tempo, as telenovelas com altíssima audiência sejam usadas para reforçar estereótipos pouco louváveis, como a idéia de que no Brasil a licenciosidade sexual seja regra, implicando uma espécie de vale-tudo nas relações pessoais. Uma reportagem do jornal português *Expresso*,¹⁷ intitulada “A ‘invasão’ brasileira”, chamava a atenção

para o perigo da condescendência do governo português em relação à migração brasileira:

Em primeiro lugar, há um aspecto essencial: o da dimensão. Portugal tem 10 milhões de habitantes e o Brasil mais de 150 milhões. Sendo certo que somos devedores de uma dívida incomensurável às Terras de Vera Cruz – desde o ouro passado às telenovelas do presente, passando pelo excelente acolhimento a centenas de milhares de emigrantes (também eles construtores do Brasil) e a muitos refugiados políticos –, é do mesmo modo incontestável que não possuímos território, riquezas materiais, potencial econômico ou déficit demográfico que nos permita, agora ou alguma vez no futuro, pagar na mesma moeda. O estado português necessita assim de criar mecanismos que o possam proteger de uma avalanche migratória, tanto mais previsível quanto estão à vista os sinais de desagregação da economia e tecido social brasileiros [...].

Na lógica do artigo, embora o Brasil seja, em várias dimensões, credor de Portugal, este não pode ceder à tentação de pagar. Os argumentos listados para acentuar a dívida portuguesa são os mesmos que os brasileiros usarão para exigir direitos em Portugal (consultar SANTOS, neste volume). O editorial enfatiza também questões importantes para a vida desses brasileiros: os compromissos de Portugal com a Comunidade Européia e seus tratados de controle de migração, marcando ainda mais essa “virada européia” da política externa portuguesa.¹⁸ O editorial também retoma a questão da irmandade luso-brasileira¹⁹ versus a virada européia portuguesa, a dívida portuguesa em relação ao tratamento que o Estado brasileiro dispensou a cidadãos portugueses em vários momentos da História, a importância da telenovela brasileira em Portugal e as redes ilegais de migração de brasileiros (em que se pode ler trabalhadoras do sexo e travestis).

18 Consultar Feldman-Bianco (1992; 1994; 1996) e Santos (1996) para uma análise de tais questões.

19 Consultar Caetano da Silva (2003).

16 *Folha de S. Paulo*, 9/2/1993.

17 *Expresso*, 6/7/1993.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para brasileiros e portugueses, a experiência cotidiana é mediada pela eficácia das construções estereotipadas. Várias dimensões são articuladas: os estereótipos sobre o “português” e sobre o jeito brasileiro, a influência dos posicionamentos dos dentistas, o problema da prostituição, das novelas e da IURD. Assim, foi se configurando a idéia de “invasão brasileira”, e mesmo a atual necessidade de mão-de-obra imigrante não diminui essa impressão, pois ela não tem apenas relação com a presença física de brasileiros, mas com a influência da mídia e da cultura brasileiras. Nesse conjunto de imagens e interpretações, estas se fundem instavelmente e constituem a atual imagem do Brasil, fruto de uma tensa relação entre esses vários significantes; algo não definitivo e em constante transformação.

Viu-se, com essas reflexões iniciais sobre a dinâmica da vida de brasileiros em Portugal, que a experiência no mercado de trabalho (a venda da alegria), entre outras variáveis, acaba por reforçar estereótipos. A experiência desses brasileiros é influenciada por várias construções simbólicas preexistentes: aquelas de exotismo, construídas ao longo de séculos; as veiculadas pela mídia televisiva brasileira, portadora de novas fontes de estereótipos; e aquelas relacionadas ao lugar preexistente na hierarquia portuguesa das alteridades, construída durante a longa história de colonização. Novos fatores, como a luta dos dentistas, os jogadores de futebol, a presença de trabalhadoras do sexo brasileiras e o sucesso da IURD, são inseridos nessas lógicas simbólicas preexistentes, ao mesmo tempo em que se criam novas imagens sobre os brasileiros.

Importante é perceber que esse universo simbólico português, no qual o brasileiro está inserido, é contrastado com aquele trazido do Brasil. Uma série de imagens sobre os portugueses, em geral preconceituosas, são redirecionadas e reinterpretadas na situação de confronto encontrada pelos imigrantes. Mesmo que casem com portuguesas(es), persiste um racismo contrário, em geral estimulado pela disputa no mercado de trabalho. Grandes fluxos simbólicos são postos em contato, agitados, transformados e solidificados nessa relação de brasileiros e portugueses no Porto.

Nesse contexto, os “estrangeiros” brasileiros se deparam com um grande número de representações sobre o Brasil e os brasileiros. Essas representações assemelham-se a roteiros de filme, a sugestões de como construir personagens de gosto

público. De fato, tudo funciona como se esses novos atores executassem papéis em novos filmes inspirados por grandes clássicos do passado, clássicos que duram e são reelaborados por séculos. Os estereótipos são esses roteiros-prisão imaginários, aos quais os brasileiros às vezes se rendem, outras vezes estimulam e outras, ainda, recusam. Por isso as representações são múltiplas e facetadas. Acrescenta-se a esse cenário que os novos atores vêm carregados de representações sobre sua nova platéia e que suas atuações dialogam com tais pressupostos, em geral tão fantasiosos quanto os roteiros involuntários a que estão sujeitos. Também a reação da platéia portuguesa não é a de mera espectadora, pois transforma um roteiro antigo em um fenômeno de críticas (em geral negativas).

Procurou-se, aqui, refletir sobre a grande questão subjacente a todos os fenômenos aludidos: como o que permanece nesse roteiro é a antiga hierarquia do império português,²⁰ a recolocação no presente de antigas ordens, nas quais uma hierarquia da alteridade é reafirmada na nova face de um Portugal como país de imigração. Essa ordem delimita um lugar relativamente privilegiado aos brasileiros, em relação aos demais imigrantes, como os dos PALOP, e desprivilegiada em relação aos próprios portugueses, como indicam as reações à presença física e cultural brasileira

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe. Escravos e proletários. *Novos Estudos Cebrap*, n. 21, pp. 30-57, julho de 1988.

ALENCASTRO, Luís Felipe. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BENDER, Gerald J. *Angola sob domínio português, mito e realidade*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1980.

BOXER, C. R. *Relações raciais no império colonial português 1415-1825*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967. 163 p.

20 Consultar Thomaz (1997) e Alencastro (2000).

CAETANO DA SILVA, Eduardo. *Visões da Diáspora Portuguesa*: dinâmicas identitárias e dilemas políticos entre os portugueses e luso-descendentes de São Paulo. 2003. Dissertação (Mestrado) – Unicamp, Campinas.

CASA DO BRASIL DE LISBOA. *A "2ª vaga" de imigração brasileira para Portugal (1998-2003). Estudo de opinião a imigrantes, residentes nos distritos de Lisboa e Setúbal*. Disponível em: <www.casadobrasildelisboa.pt>. Acesso em: 10/5/2004.

CASTELO, Cláudia. *O modo português de estar no mundo. O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*. Porto: Edições Afrontamento, 1998. 166 p.

DAMATTA, Roberto. Digressão: a fábula das três raças. In: DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Multiple layers of time and space: the construction of class, ethnicity, and nationalism among Portuguese immigrants. In: GLICK SHILLER, N.; BASCH, L.; BLANC-SZANTON, C. (Org.). *Towards a transnational perspective on migration: race, class, ethnicity, and nationalism reconsidered*. New York: Annals of the New York Academy of Sciences, 1992. p. 645.

FELDMAN-BIANCO, Bela. *The state, saudade and the dialectics of deterritorialization and re-territorialization*. Paper Wenner-Green Foundation for Anthropological Research: Mijas, 1994.

FELDMAN-BIANCO, Bela. *Imigrantes portugueses, imigrantes brasileiros. Globalização, antigos imaginários e (re)construções de identidade (uma comparação triangular)*. Projeto integrado: identidades: reconfigurações de cultura e política. Estudos de migrações transnacionais de população, signos e capitais. Enviado ao Pronex. Campinas: Unicamp, 1996.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Brazilians in Portugal, Portuguese in Brazil: constructions of sameness and difference. *Identities*, v. 8, n. 4, pp. 607-650, 2001.

FOX, Richard. East of said. In: SPRINKER, Michael. *Edward said, a critical reader*. Cambridge: Blackwell, 1992.

GILLIAN, Angela. Globalização, identidade e os ataques à igualdade nos Estados Unidos: esboço de uma perspectiva para o Brasil. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 48, pp. 67-103, junho de 1997.

HALL, Stuart. What is this "Black" in black popular culture? In: DENT, Gina (Ed.). *Black popular culture*. Seattle: Bay Press, 1992.

HALL, Stuart. Identidade cultural na diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 24, 1996.

HANDLER, Richard. *Nationalism and the politics of culture in Quebec*. Madison: University of Winsconsin Press, 1988.

HASENBALG, Carlos A. Discursos sobre raça: pequena crônica de 1988. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 20, pp. 187-195, jun. 1991.

HERZFELD, Michael. *Cultural intimacy: social poetics in the Nation-State*. Londres/Nova York: Routledge, 1997.

MACHADO, Igor José de Renó. *Estereótipos e representações cruzadas: brasileiros no Porto, Portugal*. 2001. Exame de Qualificação para Tese de Doutorado – Unicamp, Campinas.

MACHADO, Igor José de Renó. *Cárcere público: processos de exotização entre brasileiros no Porto, Portugal*. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Unicamp, Campinas.

MACHADO, Igor José de Renó. Estado-nação, identidade-para-o-mercado e representações de nação. *Revista de Antropologia*, v. 47, n.1, pp. 207-233, 2004.

MARGARIDO, Alfredo. *A lusofonia e os lusófonos. Novos mitos portugueses*. Lisboa: Edições Universitárias lusófonas, 2000.

MELLO E SOUZA, Laura. América diabólica. *Revista de Cultura Brasileira*, n. 1, pp. 15-48, 1998.

MOUTINHO, Mário. *O indígena no pensamento colonial português*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2000. 262 p.

PADILLA, Beatriz. Redes sociales de los brasileiros recién llegados a Portugal: ¿solidariedad étnica o empatía étnica? In: CONFERENCIA LOS LATINOS AL DESCUBRIMIENTO DE EUROPA. Nuevas emigraciones y espacios para la ciudadanía. Génova, 17 y 18 de junio de 2004.

PORTO ALEGRE, M. S. Reflexões sobre iconografia etnográfica: por uma hermenêutica visual. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Míriam (Orgs.). *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papirus, 1998.

RIBEIRO, Gladys Sabina. *A liberdade em construção: identidade nacional e conflitos antilusitanos no primeiro reinado*. 1997. Tese (Doutorado) – Unicamp, Campinas.

RIBEIRO, Gladys Sabina. A guerra dos portugueses no Rio de Janeiro no final do século XIX. *Oceanos*, n. 44, out./dez. 2000.

ROWLAND, Robert. Portugueses no Brasil independente: processos e representações. *Oceanos*, n. 44, out./dez. 2000.

SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). *Mana*, v. 3, n. 1, pp. 41-73, 1997.

SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

SANTOS, Gustavo. *Sabiá em Portugal: a imaginação da nação na diáspora*. 1996. Trabalho de conclusão de curso (Monografia) – Unicamp, Campinas.

SCHWARCZ, Lilia. Complexo de Zé Carioca – sobre uma certa ordem da mestiçagem e da malandragem. *RBCS*, n. 29, pp. 49-64, outubro de 1995.

TERRA estrangeira. Direção de Walter Salles e Daniela Thomas. Roteiro de Walter Salles, Daniela Thomas e Marcos Bernstein. Fotografia de Walter Carvalho. Rio de Janeiro: Distribuição Rio Filme e Sagres Vídeo, 1995. 102 min.

THOMAZ, Omar Ribeiro. *Ecos do Atlântico Sul: representações sobre o terceiro império português*. 1997. Tese (Doutorado) – USP, São Paulo.

MULHERES IMIGRANTES BRASILEIRAS EM LISBOA

Luciana Pontes Pinto

INTRODUÇÃO

Este trabalho explora a articulação entre nacionalidade/etnicidade e gênero/sexualidade entre mulheres imigrantes brasileiras em Lisboa, Portugal. Os principais pontos abordados em campo foram: 1) o projeto migratório pessoal das/os entrevistadas/os; 2) sua relação com a cultura de origem e a cultura receptora; 3) seus relacionamentos com os outros (brasileiros e portugueses).

A significativa presença de brasileiras em Portugal insere-se em um quadro de aumento das migrações internacionais. Os fluxos contemporâneos de pessoas, mercadorias e mão-de-obra têm transformado a relação entre lugar, cultura e identidade (HANNERZ, 1996; AUGÉ, 1998; APPADURAI, 1986). Nesses processos, a identidade brasileira permanece associada à noção de uma cultura enquanto territorialidade localizada (Brasil), abrangendo também crescentemente a interação com outros espaços (Portugal, Europa etc.).

Entretanto, a mobilidade pode ser um fator de reafirmação dessas diferenças (AUGÉ, 1998), em que os atributos relacionados aos agentes específicos são derivados dos atributos das culturas totalidades localizadas (PISCITELLI, 2001). Uma vez que tais representações se encontram relacionadas à localização da cultura na divisão internacional do poder (político-econômico-simbólico), são marcadas por uma série de relações desiguais: entre homens e mulheres, “centro” e “periferia”, capital e trabalho.

Este capítulo sugere que tais desigualdades são amplificadas nas migrações internacionais. A nacionalidade/etnicidade é um marcador social decisivo na forma como os indivíduos se inserem na sociedade receptora, definindo muito a posição